

Apresentação ao Dossiê  
Outras imagens do pensamento para a etnologia dos povos  
indígenas Jê do Brasil Central

André Demarchi

Doutor em Antropologia / Universidade Federal do Tocantins

[andredemarchi@gmail.com](mailto:andredemarchi@gmail.com)

Odair Giralдин

Doutor em Antropologia / Universidade Federal do Tocantins

[giralдин@mail.uft.edu.br](mailto:giralдин@mail.uft.edu.br)

Maycon Melo

Doutor em Antropologia / Universidade UNICEUMA - MA

[mayconmelodoc@gmail.com](mailto:mayconmelodoc@gmail.com)

Odilon Moraes

Doutor em Antropologia / Universidade Federal do Tocantins

[odilonrmoraes@gmail.com](mailto:odilonrmoraes@gmail.com)

Este dossiê tem uma história. Ele surge de encontros, amizades, contínuos debates e reflexões entre pesquisadoras e pesquisadores e, principalmente, de uma profunda reverência aos conhecimentos dos povos indígenas falantes de línguas da família linguística Jê e que habitam a área etnográfica conhecida como Brasil Central. As primeiras linhas do que hoje se concretiza nessas páginas foram traçadas em Tocantinópolis, no Estado do Tocantins, cidade localizada à margem esquerda do rio Tocantins, na divisa com o Estado do Maranhão. Não por acaso, a área do município de Tocantinópolis está sobreposta à

Terra Indígena do povo Apinajé, conhecido na etnologia brasileira pelas etnografias de Curt Nimuendaju (1939), Roberto DaMatta (1976) e Odair Giralдин (2000). Foi ali, em contato com os primeiros indígenas Apinajé a adentrarem como estudantes no campus local da Universidade Federal do Tocantins, que surgiu, em 2012, o grupo de pesquisa *Redes de Relações Indígenas no Brasil Central*, coordenado por André Demarchi e Odilon Morais, ambos professores daquela universidade e realizando pesquisas de doutorado com povos Jê, respectivamente Mebengôkre (Kayapó) e Akwẽ (Xerente).

O encontro em Tocantinópolis, as discussões no grupo de pesquisa, as experiências com a intensa circulação dos Apinajé entre as aldeias e as cidades do entorno, logo se concretizaram na ideia de reunir um grupo de pesquisadoras e pesquisadores para investigar os diversos povos Jê na região do Brasil Central, com foco nas redes de relações cosmopolíticas tecidas pelos diferentes grupos. O foco nas redes de relações visava preencher uma lacuna na etnologia Jê, marcada profundamente pelos modelos teóricos propostos no âmbito do projeto *Harvard Brasil Central* (do qual falaremos a seguir e, desde o início, uma inspiração) que criaram a imagem das sociedades indígenas Jê como fechadas em si mesmas e com pouca abertura para o exterior. Uma imagem muito diversa daquelas que encontrávamos em nossas experiências recentes entre os Apinajé, os Mebengôkre, os Akwẽ e os GaviãoPyhcopcatiji; e que também não parecia fazer tanto sentido entre os Krahô, os Karajá, os Xavante, os Rãmkkãmẽkra, dentre outros povos Jê do Brasil Central.

Pensando nessa proposição de criar uma nova imagem do pensamento (Deleuze, 2009) mais próxima das sociedades Jê e suas socialidades, e sem perder o espírito comparativo do projeto *Harvard Brasil Central*, é que, em 2015, propusemos, em parceria com a pesquisadora Marcela Coelho de Souza, da Universidade de Brasília, um simpósio temático no 39º Encontro Anual da ANPOCS. Na apresentação da proposta do Simpósio, escrevemos:

Os povos indígenas falantes de diferentes línguas da família linguística Jê, tradicionalmente estabelecidos na Área Etnográfica Tocantins-Xingu, são talvez os mais bem conhecidos na literatura etnográfica da etnologia ameríndia, sobretudo, pela quantidade (e qualidade) de monografias escritas a partir da segunda metade do século XX sobre vários dos grupos que ali vivem atualmente. Revisando a literatura sobre estes povos percebe-se, porém, um baixo rendimento analítico no que tange ao tratamento das diversas redes de relações estabelecidas entre os grupos indígenas da região. O objetivo desse Simpósio é, justamente, agregar pesquisas recentes que reflitam sobre essas redes de relações, contribuindo para o preenchimento dessa lacuna na etnologia dos povos Jê e visando uma re-inserção comparativa desses povos no cenário da etnologia das terras baixas sul-americanas. Estão no escopo temático desse simpósio

pesquisas que enfoquem as variadas formas de circulação/apropriação de pessoas, bens (tangíveis e intangíveis), imagens, conhecimentos, práticas e técnicas rituais, xamânicas, corporais e políticas, entre diferentes povos indígenas situados na região do Brasil Central (Demarchi e Coelho de Souza, 2015).

Interpelados pela qualidade dos trabalhos apresentados nesse simpósio publicamos, na Revista *Espaço Ameríndio*, um artigo denominado “Redes de relações indígenas no Brasil Central: um programa de pesquisa” (Demarchi; Morais, 2016). Nesse ensaio apresentamos os resultados iniciais da proposta de visitar os Jê, atentos às variadas redes de relações tecidas por esses povos e objetivando:

1) o mapeamento e a compreensão das redes de relações existentes entre os diferentes povos Jê; 2) a reinserção dos Jê no cenário comparativo da etnologia das terras baixas sul-americanas; 3) O preenchimento de uma lacuna na proffua etnologia jê, no que tange ao tema das redes de relações e dos sistemas regionais ameríndios (Demarchi; Morais 2016: 98).

Outrossim, vislumbrávamos no escopo do ensaio um programa de pesquisa cujo objetivo era produzir reflexões continuadas sobre a infinidade de redes de relações sociais, cerimoniais, econômicas, identitárias, visuais e políticas criadas e alimentadas pelos diferentes povos. Além disso, apresentamos um panorama dessas complexidades que traziam os Jê novamente à tona no cenário comparativo das terras baixas sul-americanas. Nesse sentido, aprofundávamos etnograficamente a análise das diversas modalidades de relações delineadas entre povos jê, seguindo a trilha aberta pela análise pioneira de Coelho Souza (2002), ao questionar o “fechamento das sociedades jê”.

\* \* \*

Em 2019 completaram-se quarenta anos da seminal e clássica coletânea *Dialectical Societies* (1979). Organizada por David Maybury-Lewis a coletânea apresentava os diferentes resultados alcançados pelos pesquisadores do também clássico projeto conhecido na etnologia brasileira como *Harvard Brazil Central Project* ou *Projeto Harvard-Museu Nacional*, como gostava de chamá-lo Roberto Cardoso de Oliveira, seu coordenador brasileiro (conforme assinala Júlio Melatti em entrevista publicada neste dossiê). Como

se sabe, o projeto ocorreu no período de 1962 a 1967, e foi realizado através de um convênio entre a universidade americana e o Museu Nacional de Antropologia, tendo como coordenadores os antropólogos David Maybury-Lewis e o já citado Roberto Cardoso de Oliveira.

O projeto foi criado com o intuito de investigar *in loco* algumas das problemáticas apresentadas pela trilogia de monografias de Curt Nimuendaju sobre os povos Jê, notadamente *The Apinayé* (1939), *The Šerente* (1942) e *The Eastern Timbira* (1946). Outra questão central, também tributária de Nimeundaju, dizia respeito à complexa organização social Jê, com seus pares de metades, clãs, grupos e classes de idade inerentes ao funcionamento do que Lévi-Strauss (1956) denominou de organizações dualistas, inserindo, de uma vez por todas, a criatividade dos povos Jê na etnologia ameríndia e contraindo, como se sabe, uma dívida com o pensamento dos povos indígenas (Fausto; Coelho de Souza, 2004).

Um dos principais objetivos do projeto era estabelecer uma comparação controlada das sociedades jê através de uma série de pesquisas etnográficas individuais, cobrindo boa parte dos grupos jê e ainda acrescentando a eles os Bororo, por razões de semelhança, e os Nambikwara, porque colocavam também o problema do dualismo, tal como formulado por Lévi-Strauss. Contudo, foram deixados de fora do projeto os grupos meridionais ou Jê do Sul, Xokleng e Kaingang, considerados extintos no contexto do projeto. Sob a coordenação geral de Maybury-Lewis, que estudou os Xerente e os Xavante, a equipe contava, pelo lado estadunidense, com Terence Turner e Joan Bamberger, que estudaram os Kayapó, Jean Carter Lave, que estudou os Krikati, Jon Christopher Crocker, estudioso dos Bororo e, alguns anos depois, Anthony Seeger, que realizou pesquisas entre os Suyá. Do lado brasileiro, fechavam a equipe do projeto Roberto DaMatta, pesquisando entre os Apinajé, e Júlio Cezar Melatti, entre os Krahô.

*Dialectical Societies: the Gê e Bororo of Central Brazil* foi publicado apenas em 1979, muitos anos depois do encerramento do projeto. Em que pese à demora na publicação, o livro se tornou um clássico e o dossiê que aqui apresentamos não deixa de ser também uma homenagem a essa publicação que legou marcas profundas na etnologia Jê, na etnologia ameríndia e também na própria antropologia brasileira. Queremos celebrar esses quarenta anos de *Dialectical Societies* homenageando dois pesquisadores que participaram do projeto pelo lado brasileiro, a saber, Roberto DaMatta e Júlio Cezar Melatti, cujas entrevistas são aqui publicadas. Além disso, o ensaio de abertura, de Clarice Cohn, retoma as contribuições dos vários modelos Jê presentes na coletânea, reiterando sua importância não só para a etnologia dos povos Jê, mas também para a consolidação de

modelos teóricos de outras áreas etnográficas para além do Brasil Central.

Não poderíamos deixar de destacar, aqui, o impacto da tese de Marcela Coelho de Souza (2002) nas etnografias mais recentes sobre povos de língua jê, sobretudo a partir de um esforço de revisão bibliográfica e análise comparativa de praticamente todos os trabalhos publicados sobre os povos Jê até a defesa de sua tese em 2002. Depois de sua tese “não estamos mais à vontade” para utilizarmos de expedientes de pesquisa em que distinções como “natureza e cultura”, “interior e exterior”, “eu e outro” ou “nós e eles” sejam tomados como autoevidentes na descrição da vida social, ritual e cosmológica desses povos. Assim, esse dossiê também é uma homenagem ao esforço empreendido por Marcela ao analisar “o conceito de parentesco entre os jê e seus antropólogos” (2002: 1), na justa medida que esse esforço influenciou de forma decisiva muitos artigos publicados nesse volume (ver Morais, Raposo, Nunes, Melo, Demarchi, Morim de Lima, dentre outros).

Deste modo, a principal homenagem que oferecemos aqui ao trabalho realizado pelos pesquisadores do projeto *Harvard-Museu Nacional*, e às quatro décadas de publicação de *Dialectical Societies*, é a oferta dos resultados de pesquisas contemporâneas sobre diferentes povos Jê, com novas linguagens conceituais e etnográficas, e tratando de temas até então pouco explorados naquelas pesquisas e naquela publicação. Um desses temas é o xamanismo<sup>1</sup> e a relação com espíritos, com as presas de caça e com os inimigos, que são os temas dos trabalhos de Odilon Morais, Maycon Melo e Eduardo Nunes, e que também aparecem no trabalho comparativo de André Demarchi sobre os sentidos terapêuticos da pintura corporal em diferentes povos Jê.

Demonstrando a intrincada rede de relações cosmopolíticas desde sempre existente no Brasil Central, o artigo de Ricardo Tewaxi Javaé e Odair Giralдин trata da visão Javaé de sua história e dos povos que deram origem aos Iny/Javaé atuais. Numa abordagem que tangencia a história de um “massacre anunciado”, Daniela Lima, por sua vez, apresenta o traumático contato do povo Tapayuna com a sociedade nacional em suas longas e dolorosas caminhadas e lutas para re-existirem no Brasil Central. Em outro esforço comparativo presente neste dossiê, Ana Gabriela Morim de Lima aborda as relações de diferentes povos Jê com as plantas cultivadas, tecendo uma importante contribuição para o debate em torno dos sistemas agrícolas tradicionais.

No campo da arte, as relações de apropriação ritual de máscaras entre os Mebengôkre, os Xikrin e os Karajá são abordadas por Stéphanie Tselouïko. Já no campo da música, os diversos cantos e a existência de um idioma musical marcando a profunda

---

1 É importante lembrar que, em um ensaio bibliográfico recente sobre o xamanismo nas terras baixas da América do Sul, é citado apenas um trabalho sobre os povos Jê do Brasil Central (Calavia Sáez, 2018).

interrelação entre os diversos grupos Timbira são objetos de descrição e análise do artigo de Ligia Soares e Odair Giralдин.

A abordagem de gênero, também um tema caro aos estudos sobre os povos Jê, foi o desafio enfrentado por Clarisse Raposo ao tratar de fertilidade e alteridade entre os Akwẽ-Xerente, um povo classicamente conhecido como tendo um sistema clânico e patrilinear. Esta mesma senda trilhou Thaís Mantovanelli, ao tratar sobre as mulheres Mebengokre-Xikrin da Terra Indígena Trinchiera-Bacajá e a política dos brancos de Belo Monte.

Finalizando o dossiê, Guilherme Falleiros tratou da cadeia alimentar e das redes sociocósmicas entre os A'uwe-Xavante, enquanto Elvio Marques abordou como a inserção das tecnologias, sobretudo as digitais, leva a uma indigenização da modernidade entre os @kwẽ-Xerente.

\* \* \*

Para dar mais um ponto na rede criada com essa breve apresentação, podemos tecer alguns desdobramentos para o futuro dos estudos dos povos Jê no Brasil Central. Tais desdobramentos têm a ver com a inserção cada vez mais intensa de indígenas, homens e mulheres, de diferentes povos Jê, nos meios acadêmicos. Nossas contínuas interações com esse público nas graduações e pós-graduações das universidades onde trabalhamos nos mostram que as revistas científicas ainda são inacessíveis aos pesquisadores indígenas. E não é por “falta de produção qualificada”, como poderiam argumentar as mentes mais colonialistas. Muito pelo contrário.

Como temos acompanhado, e só para citar alguns exemplos, podemos apresentar a dissertação de Creuza Prumkwyj Krahô (2017) sobre a vida Krahô vista pelo olhar de uma mulher do próprio povo; ou o trabalho de Hãni Karajá (2015) sobre os usos das madeiras entre os povos Iny (Javaé, Karajá, Xambioá); ou, ainda, os artigos de Cassiano Apinajé (2017; 2018a; 2018b; 2019) e a dissertação de Júlio Kamêr Apinajé Ribeiro (2019) sobre as formas de apreender e transmitir conhecimentos relacionados à natureza e ao território. Além disso, temos a pesquisa de Samantha Ro'otsitsina de Carvalho Juruna (2013) sobre ancestralidade e sustentabilidade entre os Xavante. Temos, também, a pesquisa de mestrado de Ercivaldo Damsôkêkwa Xerente (2016) sobre as formas com que os Xerente se apropriam da escola para seus próprios fins e os dilemas gerados a partir dessa escolha estratégica. Nesse mesmo campo, também Letícia Jôkàhkwyj Krahô (2016) tece considerações, em sua dissertação, sobre as possibilidades de uma escola feita aos moldes krahô. No campo do ritual, podemos citar os trabalhos de Cawê Deylane

(2018), do povo Gavião Pyhcopcatiji, sobre o as transformações históricas ocorridas no ritual de iniciação *Ruurut*; João Kwanhâ Xerente (2020), sobre o fim do *Warã* e dos ritos de iniciação masculina a ele associado; e Fábio Ubre'a Abdzu (2020), sobre o *Datsimazébré*, um ritual de iniciação do povo Xavante. E, apontando já para os questionamentos das bases epistemológicas da ciência ocidental e seu papel colonizador dos pensamentos indígenas, Valcir Sumekwa Xerente (2020) escreve sobre meio ambiente, comparando as formas Akwê e não-indígenas de ciência, mostrando como seu povo teceu os conhecimentos que os conduziram ao longo do tempo em uma ampla relação com o cerrado.

Diante da multiplicidade dessa produção, torna-se imprescindível refletir sobre os efeitos e possibilidades que essa antropologia indígena proporciona aos estudos sobre os Jê. Como um próximo passo nessa direção, é impossível não mencionar a importância da produção de um dossiê cujas autoras e autores sejam indígenas, falando sobre seus povos ou não, tecendo suas interpretações próprias, questionando, como fazem na sala de aula, nas reuniões e eventos e, também, claro, nos *pátios e casas das aldeias*, as etnografias clássicas e contemporâneas escritas por pesquisadores não indígenas. Fazendo, enfim, (como sempre fizeram) suas antropologias e, construindo, assim, novas imagens do pensamento.

## Referências

ABDZU, Fábio Ubre'a. 2020. *“Podem quebrar o maracá, mas não vão quebrar nossa tradição”*: *Datsimazébré, ritual Xavante de iniciação dos danhohui'wa e dos wapté*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Goiás.

APINAGÉ, Cassiano Sotero. 2017. *Escola, meio ambiente e conhecimentos: formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins.

APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair. 2018a. “As tradições orais já não bastam: a pesquisa como estratégia de preservação”. *Revista Pós-Ciências Sociais*, 15(29): 129-155.

APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair. 2018b. “As narrativas e histórias das redes de relações dos Apinajé com outros povos”. In: M. do S. Pimentel da Silva&Lorena Souza (orgs.), *Diálogos Interculturais: reflexões docentes*. Goiânia: Imprensa Universitária pp. 19-31.

APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair. 2019. “Perspectivas históricas sob a perspectiva dos Apinaje”. *TELLUS*, 19(38): 237-288.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. 2018. "Xamanismo nas Terras Baixas: 1996-2016". *BIB*, 87(3):15-40.

CAWÊ, Deylane Barros Pereira Pinto. 2018. *As transformações históricas no ritual Ruurut: aspectos etnográficos do cerimonial de iniciação de jovens indígenas Pyhcop?catiji / Gavião*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal do Tocantins

COELHO DE SOUZA, Marcela. 2002. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. Tese de Doutorado em Antropologia. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DAMATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios apinayé*. Petrópolis: Vozes.

DANSÕKEKWA XERENTE, Ercivaldo. 2016. *Processos de educação akwê e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar*. Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Direitos Humanos. Universidade Federal de Goiás.

DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. 2016. Redes de Relações Indígenas no Brasil Central: um programa de pesquisa. *Espaço Ameríndio*, 10: 96-117.

DEMARCHI, André e COELHO DE SOUZA, Marcela. 2015. "Os Jê revisitados: redes de relações indígenas do Brasil Central". *39º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu.

DELEUZE, Gilles. 2009. "A imagem do pensamento". In: \_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal.

FAUSTO, Carlos; COELHO DE SOUZA, Marcela. 2004. "Reconquistando o campo perdido: o que Lévi-Strauss deve aos Ameríndios". *Revista de Antropologia*, 47(1): 87-131.

GIRALDIN, Odair. 2000. *Axpen Pyrak: Historia, Cosmologia, Onomástica e amizade formal Apinaje*. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas.

JÔKÀHKWYJ KRAHÔ, Leticia. 2016. *Pjê ita jê kâm mã itê ampô kwy jakrepej: das possibilidades das narrativas na educação escolar do povo Krahô*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Goiás.

JURUNA, Samantha Ro'otsitsina de Carvalho. 2013. *Sabedoria Ancestral e Movimento: perspectivas para a sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais. Universidade de Brasília

KARAJÁ, José Hani. *As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural Iny*. 2015. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins.

KWANHÂ XERENTE, João. 2020. *Warã: Comunicação e Educação Akwê Xerente*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal do Tocantins.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1974 [1956]. "Les organisations dualistes existent-elles?" In: \_\_\_\_\_. *Anthropologie structural*. Paris: Plon.

MAYBURY-LEWIS, David (ed.). 1979. *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central*



*Brazil*. Cambridge/London: Harvard University Press.

NIMUENDAJU, Curt. 1942. *The Sherente*. Los Angeles: Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund. DA.

\_\_\_\_\_. 1946. *The Eastern Timbira*. Berkeley: University of California Press.

\_\_\_\_\_. [1939] 1967. *The Apinayé*. Anthropological Publications. The Netherlands: Oosterhout N.B.

PRUMKWYJ KRAHÔ, Creuza. 2017. *Wato ne hômpu ne kãmpa (Convivo, vejo e ouço a vida Mẽhĩ (Mãkrarè))*. Dissertação de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT/Centro de Desenvolvimento Sustentável/ Universidade de Brasília.

RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr. 2019. *Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panh*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Goiás.

SUMEKWA XERENTE, Valcir. 2020. *Conhecimentos Akwẽ e conhecimentos científicos ocidentais sobre meio ambiente e interações das espécies da fauna. Um estudo na interdisciplinaridade e interculturalidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins.